

Panfleto

as esquerdas e o “jornal do homem da rua”*

Panfleto

the Left movements and “the newspaper of the man on the street”

JORGE FERREIRA

Professor Titular de História do Brasil da Universidade Federal Fluminense
Pesquisador I do CNPq

Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo
Campus do Gragoatá, Rua Prof. Marcos Waldemar de Freitas Reis,
Bloco O, sala 505, 24210-380, Niterói, RJ
jorge-fer@uol.com.br

RESUMO *Panfleto*, o jornal do homem da rua foi porta-voz da Frente de Mobilização Popular e do grupo nacional-revolucionário que, dentro do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), seguia a liderança de Leonel Brizola. Por meio de um veículo próprio de comunicação, as esquerdas, no início de 1964, expressavam suas idéias, seus projetos e suas estratégias. *Panfleto* é o objeto de estudo do artigo. O objetivo é conhecer seu projeto editorial, a inserção política de seus responsáveis, os colaboradores que escreviam com regularidade, as colunas fixas, o conteúdo das matérias e as idéias defendidas no jornal em seus setes números, em fevereiro e março de 1964.

Palavras-chave Panfleto - o jornal do homem da rua, Frente de Mobilização Popular, Esquerdas e o governo Goulart

ABSTRACT *Pamphlet*, the newspaper of the men on the street gave voice to the People's Mobilization Front and to the national-revolutionary group

* Artigo recebido em: 24/08/2009. Aprovado em: 12/07/2010

that, within the Brazilian Labor Party (PTB), followed the leadership of Leonel Brizola. Through their own vehicle of communication, the Lefts, in the early 1964's, expressed their ideas, projects and strategies. *Pamphlet* is the object of study in this article. The purpose is to know its editorial project, the political placement of its representatives, the regular writers and contributors, the fixed columns, the articles' subjects and the ideas supported by the newspaper in its seven editions, in February and March of 1964.

Keywords Pamphlet - the newspaper of the men on the street, People's Mobilization Front, the Lefts and Goulart's government

Em 17 de fevereiro de 1964, surgia nas bancas *Panfleteo*. *O jornal do homem da rua*. Na primeira página, o editorial apresentava *Panfleteo* “como um jornal definido”, sobretudo por sua fidelidade ao povo, convivendo com seus problemas.¹ Mas também afirmava que seria a “ovelha negra” do jornalismo brasileiro, verdadeira “fortaleza sitiada”, por não se vender ao poder econômico. A escolha, portanto, oferecia perigos e riscos. “Este caminho árduo, este caminho difícil – constantemente ensombrado pela possibilidade de um fracasso – foi escolhido deliberadamente”. Mas não havia como conciliar a prosperidade econômica do jornal com o clamor das massas espoliadas e os interesses nacionais:

PANFLETO é um jornal definido. Apóia as forças populares e aspira ser amparado por elas. Reconhece a legitimidade e o papel histórico do movimento sindical, do movimento camponês, do movimento estudantil e movimento intelectual brasileiro; identifica-se com a luta das correntes nacionalistas que, integradas nos diferentes partidos políticos, encontram expressão máxima na Frente Parlamentar Nacionalista; sua linha política será norteadada pela posição das forças de vanguarda, hoje unidas na Frente de Mobilização Popular.

O editorial, a seguir, apresentou o programa político que defenderia em suas páginas. Inicialmente, afirmou a “completa falência das estruturas sociais arcaicas” do país, preconizando a implementação imediata das reformas de base; denunciou “a minoria oligárquica”, que negava o direito de voto a analfabetos, soldados e marinheiros; assumiu posições legalistas, mas não se conformaria com “leis que as transformam em obstáculos intransponíveis ao progresso e até em arma anti-popular”; declarou, também,

1 As fontes que se seguem estão em *Panfleteo*. *O jornal do homem da rua*. Rio de Janeiro, 17 de fevereiro de 1964, primeira página.

sua guerra aos trustes internacionais e seu repúdio ao imperialismo, que saqueiam as riquezas do país.

Por fim, o editorial de apresentação concluiu, fazendo referências a uma frase de Vargas em sua Carta Testamento: "PANFLETO é um jornal definido, a serviço de um povo que se empenha na conquista de seu futuro. De um povo que, amanhã, 'não mais será escravo de ninguém'".

Como é comum em organizações de esquerda, o grupo dentro do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) que seguia a liderança de Leonel Brizola tinha o seu jornal: foi o caso de *Panfleto*. Brizola deixou o governo do Rio Grande do Sul com imenso prestígio político entre as esquerdas brasileiras, particularmente, por priorizar o desenvolvimento econômico do estado e a escolarização em massa, além de nacionalizar duas empresas norte-americanas. Seu prestígio aumentou ainda mais por sua atuação de destaque na crise da posse de João Goulart como presidente da República, enfrentando com coragem e ousadia a tentativa de golpe de Estado dos três ministros militares. A partir daí, ele assumiu a liderança do grupo mais à esquerda do Partido Trabalhista Brasileiro, conhecidos como nacional-revolucionários, passando, inclusive, a rivalizar com o próprio Goulart no campo popular, nacionalista e de esquerda. Em 1962, a seção carioca do PTB procurou-o propondo sua candidatura a deputado federal pela Guanabara. Nas eleições legislativas daquele ano, ele obteve a maior votação proporcional já obtida no país.

Panfleto era jornal do grupo nacional-revolucionário trabalhista, mas também era porta-voz da Frente de Mobilização Popular (FMP). No início de 1963, Brizola reuniu uma série de partidos e movimentos de esquerda e, sob sua liderança, fundou a Frente. O objetivo da FMP era articular em um mesmo fórum as principais organizações de esquerda que lutavam pelas reformas de base e exigir que João Goulart assumisse imediatamente o programa reformista, sobretudo a reforma agrária. A FMP procurou unir as esquerdas que discordavam das posições políticas do Partido Comunista Brasileiro (PCB), interpretadas como moderadas em excesso. A Frente de Mobilização Popular se esforçava para que o presidente da República governasse apenas com seu apoio político, desconsiderando as forças representadas no Congresso Nacional pelos partidos, em especial o Partido Social Democrático (PSD).

Na FMP estavam representados os trabalhadores urbanos com o Comando Geral dos Trabalhadores (CGT), a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria (CNTI), a Confederação Nacional dos Trabalhadores nas Empresas de Crédito (CONTEC) e o Pacto de Unidade e Ação (PUA); os estudantes, por meio da União Nacional dos Estudantes (UNE); facções das Ligas Camponesas; os subalternos das Forças Armadas, como sargentos, marinheiros e fuzileiros navais, através de suas associações; organizações da esquerda revolucionária como a Ação Popular (AP)

e o Partido Operário Revolucionário (Trotskista) (POR-T); segmentos de extrema-esquerda do PCB insatisfeitos com a linha moderada do partido; políticos com mandatos eletivos que integravam o Grupo Compacto do PTB e a Frente Parlamentar Nacionalista (FPN); setores mais à esquerda do Partido Socialista Brasileiro (PSB) e o grupo político de Miguel Arraes; por fim, os nacional-revolucionários petebistas.

Durante sua existência, *Panfleteo* tornou-se um veículo de comunicação das esquerdas reunidas na Frente de Mobilização Popular e que reconheciam a liderança de Brizola. O jornal expressou as idéias, crenças, projetos e estratégias dessas esquerdas. O objetivo do artigo, portanto, é explorar as páginas de *Panfleteo*. Embora de vida breve, apenas sete números, entre meados de fevereiro e fins de março de 1964, *Panfleteo* atuou em período de radicalização política nos dias finais do governo Goulart, participando ativamente daqueles episódios.

O surgimento do *Panfleteo*

Como foi dito anteriormente, *Panfleteo* era de responsabilidade do grupo nacional-revolucionário do PTB, seguidores da liderança de Leonel Brizola, mas se apresentava, também, como porta-voz da Frente de Mobilização Popular. Segundo informações de Tom Cardoso, o projeto foi concebido pelo próprio Brizola em fins de novembro de 1963.²

Com o objetivo de viabilizar a publicação de *Panfleteo* de maneira rápida, evitando a fundação de uma empresa – o que exigiria tempo e despesas –, tudo indica que Brizola tenha entrado em acordo com a Editora Panfleteo Ltda. A editora assumiu a responsabilidade pela edição do *Panfleteo*. O nome do jornal, na verdade, não era desconhecido do público de esquerda. Desde 1947, Lourival Coutinho, proprietário da editora, publicava uma revista chamada *Panfleteo*. Com cerca de 130 páginas, a revista continha artigos de cunho nacionalista, reformista e de esquerda. Quando da publicação do jornal *Panfleteo*, a editora era presidida pelo jornalista e radialista João Cândido Maia Neto, conhecido como J. Maia Neto,³ enquanto Eпитácio Caó era o diretor secretário. Em suma, a Editora Panfleteo – que anteriormente publicara a revista *Panfleteo* – tornou-se responsável pela edição do jornal.

A sede de *Panfleteo* era na rua Senador Dantas, no edifício Santo Inácio, 117, no centro do Rio de Janeiro, e os nomes de sua administração eram reveladores dos grupos políticos que apoiavam o jornal. O superintendente

2 CARDOSO, Tom. Tarso de Castro – 75 kg de músculo e fúria. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2005, p.75.

3 J. Maia Neto foi jornalista e radialista. Trabalhou em jornais e na rádio Mayrink Veiga. Com o golpe civil-militar de 1964, exilou-se Uruguai, tendo publicado vários livros. ABREU, A. A. et alli. (coords) Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós-1930. Rio de Janeiro: CPDOC-FGV, versão em CD-Room.

era Paulo Schilling,⁴ militante do grupo nacional-revolucionário e homem de confiança de Leonel Brizola. Sua função era a de estabelecer contatos e relações entre os líderes políticos das diversas organizações que compunham a FMP e a redação do jornal. O diretor responsável era Max da Costa Santos,⁵ deputado do PSB e membro da FPN. A gerência administrativa estava a cargo de Luis Carlos Coelho e o encarregado pela circulação era José Silveira

O conselho de redação era representativo das esquerdas que integravam a FMP: Leonel Brizola, líder do grupo nacional-revolucionário, e Sérgio Magalhães,⁶ presidente da FPN – ambos deputados pelo PTB; Almino Afonso,⁷ também deputado pelo PTB; Neiva Moreira⁸ e Adão Pereira Nunes,⁹ deputados pelo Partido Social Progressista (PSP). Os três últimos parlamentares integravam a FPN. Também faziam parte do conselho Demisthóclodes Baptista,¹⁰ deputado pelo Partido Social Trabalhista (PST), dirigente da PUA

-
- 4 Paulo Schilling foi assessor de Leonel Brizola no governo do Rio Grande do Sul e, até o golpe civil-militar de 1964, trabalhou ao seu lado. Após a ditadura, exilou-se no Uruguai e fez parte do pequeno grupo que apoiava Brizola em seu projeto de resistência armada à ditadura. SCHILLING, Paulo R. Como se coloca a direita no poder. Os protagonistas, v.1 e Os acontecimentos, v. 2. São Paulo: Global, 1979 e 1981.
 - 5 Max da Costa Santos foi eleito deputado federal pela Guanabara na legenda do PSB, em 1962. Integrou a FPN e durante o governo Goulart apoiou as reformas de base. Com o golpe civil-militar, teve seu mandato cassado pelo Ato Institucional e seus direitos políticos foram suspensos por dez anos. Exilou-se no México, Uruguai e França. Retornou ao Brasil em 1968. Nos anos 1970, foi diretor da Editora Paz e Terra e fundou a Editora Graal. ABREU, A. A. et alli. (coords) Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós-1930.
 - 6 Sérgio Magalhães foi eleito deputado federal pelo PTB pelo Distrito Federal, em 1954, e pela Guanabara, em 1959. Em 1956, foi um dos fundadores da Frente Parlamentar Nacionalista. Em 1963, assumiu a presidência da organização. Integrou, também, o "Grupo Compacto" do PTB. Com o golpe civil-militar de 1964, teve seu mandato cassado pelo Ato Institucional e seus direitos políticos foram suspensos por dez anos. A partir daí, dedicou-se às suas atividades profissionais na área de engenharia. ABREU, A. A. et alli. (coords) Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós-1930.
 - 7 Almino Afonso elegeu-se, em 1958, deputado federal pelo Amazonas pela legenda do PST. Na Câmara Federal, participou da FPN e transferiu-se para o PTB, sendo um dos fundadores do "Grupo Compacto". Em 1962, foi reeleito deputado federal e, no ano seguinte, assumiu o Ministério do Trabalho. Deixando a pasta, retomou o cargo parlamentar, defendendo as reformas de base. Com o golpe civil-militar de 1964, teve seu mandato cassado pelo Ato Institucional e seus direitos políticos foram suspensos por dez anos. Exilou-se na Jugoslávia, Chile, Uruguai, Peru e Argentina. Em 1976 retornou ao Brasil. Com a redemocratização, voltou a participar da política partidária, ingressando no PMDB e, a seguir, no PSDB e PSB. ABREU, A. A. et alli. (coords) Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós-1930.
 - 8 Neiva Moreira elegeu-se deputado estadual pelo Maranhão em 1950 e deputado federal em 1954, 1958 e 1962 pela legenda do PSP. Defensor das causas nacionalistas, integrou a FPN. Com o golpe civil-militar de 1964, teve seu mandato cassado pelo Ato Institucional e seus direitos políticos foram suspensos por dez anos. Exilou-se na Bolívia, Uruguai, Argentina, Peru e México. No exílio fundou os Cuadernos del Tercer Mundo. Com a anistia política em 1979, retornou ao Brasil e ingressou no Partido Democrático Trabalhista. ABREU, A. A. et alli. (coords) Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós-1930.
 - 9 Adão Pereira Nunes começou a participar da vida política brasileira apoiando os candidatos do Bloco Operário-Camponês – braço eleitoral do PCB –, em 1927. Formado em medicina, assumiu a secretaria da Aliança Nacional Libertadora no norte Fluminense. Participou dos movimentos nacionalistas dos anos 1950 e, em 1958, com o apoio do PCB, tornou-se deputado federal pelo Rio de Janeiro na legenda do PSP, reelegendo-se nas eleições de 1962. Participou da FPN e apoiou as reformas de base. Com o golpe civil-militar de 1964, teve seu mandato cassado pelo Ato Institucional e seus direitos políticos foram suspensos por dez anos. Exilou-se no Chile, mas retornou ao Brasil em 1970 e, com identidade falsa, exerceu sua profissão de médico. ABREU, A. A. et alli. (coords) Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós-1930.
 - 10 Demisthóclodes Batista, conhecido como Batistinha, foi líder sindical dos ferroviários, partidário do PCB e um dos fundadores do Pacto de Unidade e Ação e do Comando Geral dos Trabalhadores. Em 1962, foi eleito deputado federal pelo Rio de Janeiro pelo PST. Com o golpe civil-militar de 1964, teve seu mandato cassado pelo Ato Institucional e seus direitos políticos foram suspensos por dez anos. Exilou-se no Uruguai. Com a redemocratização ajudou a fundar o PT. Morreu assassinado em 1990, sem que os autores do crime fossem descobertos.

e do CGT e ligado ao PCB; Álvaro Vieira Pinto,¹¹ intelectual nacionalista e diretor-executivo do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), e Paulo Alberto (Monteiro de Barros),¹² deputado federal da Guanabara pelo PTB. Basicamente, *Panfleto* era dirigido pela aliança entre a esquerda do PTB que seguia a liderança de Leonel Brizola e a Frente Parlamentar Nacionalista.

Papel de destaque para o sucesso do jornal foi a participação do jornalista Tarso de Castro.¹³ Embora seu nome apareça no jornal com o cargo de “secretário”, ele foi o responsável pela edição do *Panfleto*. Seu trabalho não era fácil: criar um jornal popular, mas que, ao mesmo tempo, fosse porta-voz de grupos políticos de esquerda. Uma imprensa politicamente agressiva, mas sem ser enfadonha e cansativa. Tarso de Castro se inspirou em um contra-modelo: os jornais oficiais do PCB, em geral imobilizados pelo sectarismo de seus redatores.¹⁴

O próprio subtítulo de *Panfleto* expressa os leitores que queria alcançar – uma inovação editorial para um jornal de esquerda: *o jornal do homem da rua*. A primeira vista, trata-se de algo de difícil definição: afinal, quem é o “homem da rua”? Inicialmente, por oposição, é aquele que não está “na casa”. Logo, é o homem que está no espaço público e que, por isso, participa da vida política do país – ou teoricamente deveria participar. Mas se o “homem da rua” está na via pública, muito provavelmente é porque está a meio caminho entre a residência e o trabalho. Ele não necessariamente está inserido ao “mundo da fábrica”, ele não obrigatoriamente integra a “classe operária”. Nesse sentido, estabelece sua diferença em relação ao PCB. Em uma definição pouco precisa, o público de *Panfleto* é o operário, mas é também o “homem comum”, o “popular”, possivelmente o trabalhador assalariado no sentido mais amplo. Não importa seu tipo de vinculação com o mundo do trabalho, o jornal se dirige ao “povo trabalhador” e quer associar sua imagem e sua identidade a ele.

De periodicidade semanal, o primeiro número surgiu nas bancas de jornal em 17 de fevereiro de 1964. A seguir, foram publicados mais seis: o de 24 de fevereiro e os de 2, 9, 16, 23 e 30 de março. O tamanho do jornal

11 Álvaro Vieira Pinto lecionou lógica na Faculdade Nacional de Filosofia e, a partir de 1951, dedicou-se exclusivamente à filosofia. Em 1955, assumiu a chefia do Departamento de Filosofia do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB). Em 1961, alcançou o cargo de diretor-executivo do órgão. Com o golpe civil-militar de 1964, teve seu mandato cassado pelo Ato Institucional e seus direitos políticos foram suspensos por dez anos. Exilou-se na Iugoslávia e Chile, retornando ao Brasil em 1968. Publicou vários livros, entre eles *Ideologia e desenvolvimento nacional*, *O conceito de tecnologia* e *Sete lições sobre educação de adultos*.

12 Paulo Alberto Monteiro de Barros foi eleito deputado constituinte do estado da Guanabara pelo PTN, em 1969. Dois anos depois, foi eleito deputado federal pelo PTB, destacando-se pela oposição ao governador Carlos Lacerda. Com o golpe civil-militar de 1964, teve seu mandato cassado pelo Ato Institucional e seus direitos políticos foram suspensos por dez anos. A partir de 1968, começou a escrever em jornais matérias sobre televisão assinando com o pseudônimo de “Artur da Távola”. Voltou à política partidária ingressando no PMDB e, a seguir, no PSDB.

13 Tarso de Castro aproximou-se de Leonel Brizola durante os episódios da Campanha da Legalidade e trabalhou em jornais de Porto Alegre. A seguir, no Rio de Janeiro, foi editor do *Panfleto*. Com o golpe militar, exilou-se no Uruguai. De volta ao Brasil, foi um dos fundadores de *O Pasquim*. Criou, também, o suplemento “Folhetim” de *A Folha de S. Paulo*.

14 CARDOSO, Tom. Tarso de Castro – 75 kg de músculo e fúria, p.76.

era de 36 centímetros de altura e 27 centímetros de largura. O número de folhas era razoável para um jornal de esquerda: 16.¹⁵ Desse modo, semanalmente o leitor tinha 32 páginas de matérias sobre a política nacional, sobre as esquerdas no contexto internacional, além de uma parte voltada para a arte e a cultura no país.

Panfleto não vendia espaço para publicidade comercial – no máximo eram encontrados anúncios de livros de cunho nacionalista ou comunista, bem como publicidade da rádio Mayrink Veiga. Seu preço era baixo: custava 70 cruzeiros quando o salário mínimo era de 42 mil cruzeiros. A sobrevivência do jornal, portanto, era a venda dos exemplares.

É muito difícil estabelecer quantos jornais eram vendidos semanalmente. As cifras que temos exigem cautela. Paulo Schilling afirma que as edições chegaram a 200 mil exemplares.¹⁶ Cibilis Viana, por sua vez, garante que as edições alcançaram 400 mil, sobretudo com o apoio dos militantes que integravam os Grupos dos 11.¹⁷ Outras fontes também apontam para o trabalho bem sucedido dos Grupos dos 11 em divulgar, vender e coletar assinaturas de *Panfleto*: a tiragem inicial de 70 mil exemplares logo saltou para 200 mil.¹⁸ Corroborando essas informações, Tom Cardoso afirma que *Panfleto* começou vendendo muito bem, mas deu um salto nas vendas a partir de uma estratégia criada por Tarso de Castro, Paulo Schilling e José Silveira: a adesão aos Grupos dos 11 implicava em ser assinante de *Panfleto*. Imediatamente milhares de cartas chegaram à redação do jornal solicitando assinaturas. Os exemplares eram enviados aos assinantes graças ao apoio do coronel Dagoberto Rodrigues, diretor-geral dos Correios e Telégrafos. Integrante da FMP, Dagoberto garantiu a distribuição de *Panfleto* em todo o país. Segundo Tom Cardoso, logo as edições chegaram a 500 mil exemplares.¹⁹ As fontes, portanto, convergem no sentido de ressaltar a participação dos Grupos dos 11 nas vendas e assinaturas do jornal, mas são desencontradas quanto à tiragem – mínimo de 200 mil e máximo de 500 mil exemplares.

Abertura: os editoriais de Brizola

Cada edição do *Panfleto* era aberta por um editorial escrito por Leonel Brizola. Logo na segunda página, o leitor encontrava a mensagem do líder político dos nacional-revolucionários e da FMP. No primeiro número do jornal, o tema escolhido para o editorial foi estratégico: tratava-se da

15 A edição de 9 de março de 1964, excepcionalmente, chegou a 20 folhas.

16 Cit. em KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários. Nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Edusp, 2003, p.40.

17 LEITE FILHO, L. C. *El caudillo. Leonel Brizola. Um perfil biográfico*. São Paulo: Editora Aquariana, 2008, p.255.

18 "Panfleto, O". In: ABREU, A. A. et alli. (coords) *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós-1930*.

19 CARDOSO, Tom. *Tarso de Castro – 75 kg de músculo e fúria*, p.78.

Carta Testamento de Getúlio Vargas, ou melhor, da maneira como Brizola interpretava o documento – um manifesto nacionalista, antiimperialista e de libertação nacional. O editorial de abertura foi estratégico para definir as posições políticas dos grupos que se expressavam através de *Panfleto*, denunciando a exploração econômica estrangeira, em especial dos monopólios norte-americanos, e a aliança estabelecida entre essas empresas e setores do empresariado brasileiro. O editorial, portanto, era a leitura da Carta Testamento – texto de um líder nacionalista da época da Segunda Guerra Mundial – por um político esquerdista que vivia em outra conjuntura: a da Revolução Cubana e da Guerra do Vietnã.

Nos quatro editoriais seguintes, Brizola polemizou com João Goulart, criticando o presidente e cobrando dele que governasse exclusivamente com o programa político da Frente de Mobilização Popular. Não casualmente, o segundo editorial tinha o título de “Só um caminho se impõe”. Tratava-se de uma contundente denúncia da incapacidade de Jango exercer o poder, entregando-o a forças conservadoras e reacionárias. Nos editoriais seguintes – *A autenticidade das lideranças*, *Lacerda: subproduto da conciliação* e *Povo e governo* – as críticas ao presidente continuaram. Expressando a opinião dos partidos e organizações que compunham a FMP, Brizola exigia que Goulart desse fim ao que chamava de “política de conciliação”. Em outras palavras, que o presidente rompesse com o PSD e governasse exclusivamente com a FMP.

No entanto, nos dois últimos editoriais, os dos dias 23 e 30 de março, Brizola abandonou os argumentos de confrontação com o presidente, redigindo textos defensivos. Com os títulos de *Atenção brasileiros* e *A violência não partiu de nós*, Brizola denunciou a possibilidade de um golpe de Estado em preparação pelas direitas.

As organizações do povo

As organizações, partidos e lideranças que participavam da Frente de Mobilização Popular recebiam atenção especial do *Panfleto*.

Oswaldo Pacheco, secretário geral do Comando Geral dos Trabalhadores, concedeu entrevista defendendo a implementação imediata das reformas de base, em particular a reforma agrária, o monopólio do câmbio e a “liquidação dos privilégios desfrutados pelas empresas estrangeiras”.²⁰ O presidente da CONTEC igualmente defendeu as reformas, enfatizando a necessidade da reforma bancária, permitindo que se coloque “o dinheiro do povo a serviço das necessidades do povo”.²¹

20 Panfleto. O jornal do homem da rua. Rio de Janeiro, 24 de março de 1964, p.6.

21 Panfleto. O jornal do homem da rua. Rio de Janeiro, 9 de março de 1964, p.7.

Outra importante organização que integrava a FMP era a União Nacional dos Estudantes. Seu presidente nacional, o estudante José Serra, também concedeu entrevista ao *Panfleto* denunciando a espoliação estrangeira no país, a estrutura agrária obsoleta e o elitismo das universidades brasileiras.²² O vice-presidente de Assuntos Nacionais da UNE, o estudante Marcelo Cerqueira, além de exigir a moratória da dívida externa e a legalização do PCB, defendeu a "aliança operário-estudantil-camponesa, parcela mais consequente da união das forças antiimperialistas".²³

Miguel Arraes era importante liderança que participava da FMP. Entrevistado pelo *Panfleto*, ele defendeu a liberdade de organização dos trabalhadores e, entre outras medidas, a necessidade de "liquidar os monopólios internacionais".²⁴ Sérgio Magalhães, presidente da Frente Parlamentar Nacionalista, organização que também integrava a FMP, foi autor de artigos em *Panfleto*. Defendendo as empresas estatais e uma rigorosa lei de remessa de lucros ao exterior, ele enfatizou a necessidade de união das "forças populares" em torno das reformas, da mobilização popular e da libertação nacional.²⁵

Max da Costa Santos, representante da ala esquerda do Partido Socialista Brasileiro, escreveu vários artigos, a maioria criticando a atuação negativa das empresas multinacionais norte-americanas sobre a economia brasileira. Cibilis Viana era o responsável pelas análises econômicas do *Panfleto*. Ele integrava o grupo nacional-revolucionário do PTB e, alguns anos antes, participara do governo de Leonel Brizola no Rio Grande do Sul, chefiando o Gabinete de Administração e Planejamento. Vários foram os artigos de sua autoria ressaltando a necessidade de o presidente João Goulart implementar o programa da Frente Parlamentar Nacionalista, como o monopólio do câmbio, a reforma agrária e o controle da remessa de lucros para o exterior. Neiva Moreira, por sua vez, escrevia artigos exigindo a implementação imediata das reformas de base e de uma política nacionalista, com a formação de um governo exclusivo da FMP.

Max da Costa Santos, Cibilis Viana e Neiva Moreira tiveram atuação de destaque, escrevendo em todas as edições do *Panfleto*. Na maioria das vezes, criticavam o presidente João Goulart.

Além das entrevistas e dos colaboradores que escreviam regularmente, *Panfleto* tinha algumas colunas fixas. Uma delas era a *Trincheira dos sargentos*, de responsabilidade de Paulo Lemos. Na coluna, ele defendia os subalternos das Forças Armadas, os sargentos em particular, contra o autoritarismo e a falta de democracia nos quartéis. Outra coluna era intitu-

22 *Panfleto*. O jornal do homem da rua. Rio de Janeiro, 17 de fevereiro de 1964, p.13.

23 *Panfleto*. O jornal do homem da rua. Rio de Janeiro, 9 de março de 1964, p.31.

24 *Panfleto*. O jornal do homem da rua. Rio de Janeiro, 2 de março de 1964, p.13.

25 *Panfleto*. O jornal do homem da rua. Rio de Janeiro, 16 de março de 1964, p.6.

lada *Evangelho. Ontem, Hoje e Amanhã*, do padre Aluisio Guerra. Em seus escritos, o sacerdote aproximava a leitura dos Evangelhos das propostas das esquerdas, com o objetivo de defender as reformas de base. As colunas *Central de Informações*, dos agentes 003 e 009, *Coluna por um*, do jornalista J. Maia Neto e *A semana que passou*, com notícias regionais, nacionais e internacionais eram constantes no jornal. Alguns nomes eram recorrentes, como Paulo Francis, Osny Duarte Pereira, Paulo Schilling, Jamil Haddad, Roberto Saturnino Braga, Expedito Carneiro e Renato Cardoso.

Dois inimigos do povo: Carlos Lacerda e San Tiago Dantas

Em seus sete números, duas personalidades foram sistematicamente combatidas por *Panfleto*. A primeira delas era Carlos Lacerda. As razões não eram difíceis de entender: líder da ala de extrema-direita da União Democrática Nacional (UDN), anticomunista, antigetulista, contrário ao movimento reformista e conspirador contra o regime democrático.

Nas páginas de *Panfleto* Lacerda era acusado de agir de maneira autoritária e elitista no governo do estado da Guanabara. Com o título de *Bangu, a favela planejada*, matéria fazia referência à remoção da população que vivia nas favelas dos morros do Pasmado e da Gávea. A acusação era a de que os bombeiros, sob ordem de Lacerda, teriam ateado fogo nos barracos logo após a desocupação, impedindo os moradores de levarem seus pertences para o conjunto residencial construído no bairro de Bangu. Segundo *Panfleto*, a população trocou uma favela na Zona Sul do Rio de Janeiro por outra em lugares longínquos como Vila Kennedy e Vila Aliança. As casas construídas pelo governo do estado não passavam de “favelas modernas”.²⁶

Panfleto também denunciava Lacerda por corrupção. Com base em acusações do deputado Ib Teixeira, o jornal afirmou que Lacerda transferiu diversas linhas de ônibus da Zona Sul para a Zona Norte. O motivo era simples: “sendo os moradores da Zona Sul mais definidos ideologicamente, a antipática medida pouco alterará suas tendências eleitorais”.²⁷ Mas o aumento do número de ônibus na Zona Norte beneficiaria o eleitorado que “Lacerda pretende assim subornar”. O mais grave da acusação era que a encomenda de 300 novas carrocerias de ônibus beneficiaria o governador em sua “caixinha” com a quantia de 6 bilhões de cruzeiros.

As denúncias contra Lacerda se estendiam ao aparato repressivo. Na Quinta da Boa Vista, por exemplo, havia um “galpão” onde 812 detentos sofriam com o péssimo tratamento e as brutais violências policiais.²⁸ Mas

26 *Panfleto*. O jornal do homem da rua. Rio de Janeiro, 16 de março de 1964, p.18-20.

27 *Panfleto*. O jornal do homem da rua. Rio de Janeiro, 9 de março de 1964, p.6.

28 *Panfleto*. O jornal do homem da rua. Rio de Janeiro, 24 de fevereiro de 1964, p.15-17.

o denunciamento de *Panfleto*, por vezes, não se sustentava. Com título de *Lacerda invade as praias. Tropa de choque contra os banhistas* e várias fotografias de mulheres nas praias cariocas, a matéria acusava a Polícia Militar de investir contra o povo. Contudo, tratava-se simplesmente da ação da PM contra o frescobol, prática até hoje proibida nas praias – embora a proibição não seja acatada.

A segunda personalidade política atacada em *Panfleto* era San Tiago Dantas. Neste caso, a situação era mais complexa para a Frente de Mobilização Popular. O problema era de disputa no campo das esquerdas. Deputado pelo PTB, homem de grande prestígio nos meios políticos brasileiros, chanceler e ministro da Fazenda de Goulart, San Tiago Dantas estava seriamente preocupado com o isolamento político de Jango. O presidente, naquele momento, tinha que lidar com a oposição agressiva da FMP, com o afastamento do PSD e com o crescimento da conspiração golpista das direitas. Dantas percebeu o perigo para as instituições democráticas. No sentido de isolar as direitas golpistas e o radicalismo das esquerdas, Dantas esforçou-se para reagrupar as forças de centro-esquerda para apoiar o governo. Unindo o PSD, o PCB, o grupo de Miguel Arraes, o movimento sindical moderado e o PTB que não seguia a liderança de Brizola, Dantas propôs a formação da Frente Progressista de Apoio às Reformas de Base.²⁹ Jango, portanto, tinha à sua disposição duas frentes políticas que se apresentavam como forças de apoio político: a Frente de Mobilização Popular e a Frente Progressista de Apoio às Reformas de Base. San Tiago Dantas e sua Frente Progressista tornaram-se, desse modo, os concorrentes mais imediatos de Leonel Brizola e da FMP.

Ainda no primeiro número de *Panfleto*, matéria escrita por Paulo Schilling fazia sérias acusações a Dantas. Segundo o texto, quando ministro da Fazenda, ele teria revogado um decreto sobre acordos bi-laterais entre Brasil e Estados Unidos para importação de trigo assinado por Jânio Quadros. Com a medida, o governo brasileiro foi obrigado a devolver ao embaixador norte-americano 5,6 bilhões de cruzeiros, causando enormes prejuízos aos cofres públicos, sem necessidade alguma. Dantas teria realizado a operação sem autorização do Congresso Nacional. Além disso, a matéria informa que haveria uma comissão de 15% a 20% para "despesas de manutenção".³⁰ A matéria apresentava acusações tão graves que, dias depois, San Tiago Dantas processou judicialmente *Panfleto*.

Mas as acusações continuaram. Com o título de *Esta é a sua vida*, artigo assinado por Makarius comentava a biografia de Dantas. Os temas

29 Sobre a Frente Progressista proposta por San Tiago Dantas, ver FIGUEIREDO, Argelina. *Democracia ou reformas; alternativas democráticas à crise política 1961-1964*, São Paulo: Paz e Terra, 1993 e GOMES, Ângela de Castro. *Trabalhismo e democracia: o PTB sem Vargas*. In: GOMES, Ângela de Castro (org.). *Vargas e a crise dos anos 50*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

30 *Panfleto*. O jornal do homem da rua. Rio de Janeiro, 17 de fevereiro de 1964, p.10-12.

tratavam de seu passado na Ação Integralista Brasileira, seu trabalho na “advocacia-negocismo” a serviço das empresas estrangeiras, o apoio que obteve da imprensa devido ao seu dinheiro e as negociatas que patrocinou como ministro da Fazenda.³¹

Carlos Lacerda e San Tiago Dantas tornaram-se os personagens mais atacados no *Panfleto*. Charges ridicularizavam os dois políticos. O primeiro era o líder da extrema-direita; o segundo, o líder da esquerda moderada. Ambos eram inimigos da Frente de Mobilização Popular.

Matérias internacionais

Matérias internacionais também faziam parte do *Panfleto*. A primeira delas foi dedicada a Cuba. O texto denunciava o tratado que garantia aos Estados Unidos a base de Guantánamo. O leitor também encontrava um longo artigo de Claude Julien, traduzido do francês, analisando a situação da economia cubana no ano de 1963. Embora o texto fosse bastante crítico, mostrando os erros do governo cubano na condução da economia, com a queda da produção de cana-de-açúcar, a avaliação da revolução era positiva.³²

O processo revolucionário chinês foi objeto de reportagem de Paulo Derengosqui. O artigo era muito superficial na descrição da situação do país, limitando-se a elogiar a capacidade de organização dos dirigentes chineses. Exaltava, também, o papel revolucionário de Mao Tsé-tung na luta contra o imperialismo e os teóricos soviéticos.³³ Também é de Derengosqui artigo sobre a situação do Panamá. A reportagem tratava da história da dominação política norte-americana no país, a construção do canal ligando os dois oceanos, os massacres perpetrados contra os panamenhos, bem como a pobreza e as discriminações vividas por eles.³⁴ A guerra do Vietnã foi outra reportagem de destaque na parte internacional de *Panfleto*. Chamando a atenção para o fato de que, naquele momento, a guerra completava 18 anos, o texto ressaltava que a intervenção dos Estados Unidos na região estava agravando ainda mais o conflito.³⁵

Ainda como parte das matérias internacionais, *Panfleto* publicou a súmula de defesa de Lee Oswald, acusado do assassinato do presidente John Kennedy. A súmula foi redigida por Mark Lane, advogado de Nova Iorque e conhecido por seu engajamento na luta pelos direitos civis, e enviada ao juiz responsável pelo caso. Originalmente a súmula foi publicada no jornal *The Guardian*, mas foi traduzida para o português e publicada na íntegra

31 *Panfleto*. O jornal do homem da rua. Rio de Janeiro, 24 de fevereiro de 1964, p.29.

32 *Panfleto*. O jornal do homem da rua. Rio de Janeiro, 17 de fevereiro de 1964, p.30-31.

33 *Panfleto*. O jornal do homem da rua. Rio de Janeiro, 24 de fevereiro de 1964, p.22-24.

34 *Panfleto*. O jornal do homem da rua. Rio de Janeiro, 16 de março de 1964, p.10.

35 *Panfleto*. O jornal do homem da rua. Rio de Janeiro, 30 de março de 1964, p.12.

por *Panfleto*. A publicação ocupou 11 folhas do jornal, demonstrando a importância do assunto para as esquerdas da época.

As matérias internacionais, portanto, estavam afinadas com as preocupações das esquerdas naquele momento: os processos revolucionários cubano e chinês; a dominação imperialista norte-americana sobre os países pobres, a exemplo de Panamá e Vietnã; por fim, as contradições e problemas internos dos Estados Unidos, com o caso Lee Oswald.

Arte e cultura

Uma parte significativa do jornal era dedicada à área artística e cultural. Em um jornal de esquerda, essa, sem dúvida, foi uma inovação de Tasso de Castro.

No primeiro número, por exemplo, havia notícias de duas páginas sobre o carnaval carioca de 1964.³⁶ No caso das escolas de samba, as críticas foram contundentes: primeiro, a Portela que, com o propósito de inovar, inseriu um grupo de violinistas do Teatro Municipal em seu desfile; segundo, o Império Serrano, que incorporou instrumentos alheios ao samba, como tímpanos e liras. Mas as maiores críticas foram para o Salgueiro: em vez de fazer o que sabem – sambar –, todos foram obrigados a seguir, de maneira disciplinada, uma coreografia elaborada por uma bailarina contratada pela escola. Tratava-se, para os redatores de *Panfleto*, de “deturpações” que “ferem fundamentalmente a tradição”. Diferente avaliação foi com relação aos blocos carnavalescos. Segundo *Panfleto*, eles proliferaram nas ruas, favelas e fábricas, sendo a marca do carnaval carioca nos últimos cinco anos. As músicas cantadas nos blocos não eram as “dos falsos compositores e subornadores”. O que os foliões dos blocos cantaram foi produzido autenticamente pelo povo. “Essas músicas, criadas dentro do melhor espírito popular, refletiram a tendência e o gosto do povo, na medida de sua aceitação, enalteciam os líderes populares como Miguel Arraes e Leonel Brizola”.

A coluna sobre teatro estreou sob a assinatura de Dias Gomes.³⁷ Com o título de *A insurreição dramática*, o autor discutiu a possibilidade de superar o processo alienante vivido pelo teatro brasileiro.³⁸ Na coluna, Dias Gomes disse: “essa revolução, parece-me está em seu período insurrecional”. Ela teve início com o processo de industrialização liderado por Getúlio

36 As citações que se seguem estão em *Panfleto*. O jornal do homem da rua. Rio de Janeiro, 17 de fevereiro de 1964, p.17.

37 Dias Gomes iniciou sua carreira realizando mais de 500 adaptações de peças teatrais para o rádio. Em 1960, obteve o reconhecimento mundial com o filme *O pagador de promessas*, Palma de Ouro no festival de Cannes, adaptação para o cinema de texto teatral de sua autoria. Devido a sua proximidade com o PCB, foi perseguido pela ditadura militar. Na Rede Globo de Televisão, foi autor de inúmeras novelas de grande sucesso.

38 As citações que se seguem estão em *Panfleto*. O jornal do homem da rua. Rio de Janeiro, 17 de fevereiro de 1964, p.22.

Vargas, exemplificado no caso da Petrobrás. Logo, as “palavras de ordem nacionalistas, que eram bandeiras exclusivas de minorias ideologicamente avançadas, passavam, aos poucos, a fazer parte da consciência popular”. O povo passou a acreditar mais em si mesmo, querendo conhecer sua realidade. Desse modo, “estavam assim criadas as condições objetivas para o aparecimento da nova dramaturgia, para o lançamento das sementes de um autêntico Teatro Brasileiro”. Nos números seguintes do *Panfleto*, Luiz Carlos Maciel³⁹ assumiu a responsabilidade pela coluna teatral. Para ele, o mais chocante no teatro brasileiro era “sua alienação e sua impotência”.⁴⁰ Como solução, ele defendia o teatro popular, a exemplo do Centro Popular de Cultura da UNE. “Em termos gerais, a solução do CPC é a única justa (...). A solução escolhida pelo CPC (e por enquanto só por ele) – é a única coisa que pode mudar essa situação”.

Alex Viany⁴¹ foi o responsável pela coluna *Trincheira do Cinema*. O assunto central era o cinema brasileiro e, em particular o Cinema Novo. Entre os temas que comentou ao longo dos sete números de *Panfleto*, destacaram-se os fortes elogios ao primeiro longa-metragem de Cacá Diegues, *Ganga Zumba* e as denúncias sobre o predomínio do cinema norte-americano no Brasil. Outros textos discutiram questões mais técnicas, como o financiamento da produção nacional e pesquisas sobre o mercado cinematográfico.

Moacyr Felix⁴² era responsável pela coluna *Violão de Rua*, voltada para a poesia. Segundo seu argumento, um dos aspectos mais escondidos da obra dos poetas era aquele que nasce e se desenvolve do “contato de uma solidária e consciente sensibilidade com o sofrimento e desumanização decorrente de uma organização social injusta”.⁴³ Assim, no primeiro número de *Panfleto*, Moacyr Felix abriu a coluna para a publicação de poemas enviados pelos leitores, desde que afinados com tais pressupostos. Os poemas poderiam constar dos volumes especiais dos *Cadernos de Nosso Tempo*, intitulados *Violão de Rua*. Moacyr Felix, ao longo dos sete números de *Panfleto*, publicou várias poesias enviadas para a redação do jornal. Uma delas foi a do poeta paulista Rolando Roque da Silva:

39 Luiz Carlos Maciel formou-se em filosofia e artes cênicas. Nos anos 1960, lecionou no Conservatório Dramático Nacional e escreveu na imprensa. Foi um dos fundadores do Pasquim e pioneiro na divulgação da contracultura no Brasil. Nos anos seguintes, atuou como redator e roteirista da Rede Globo de Televisão. Nos anos 1980 e 1990, dirigiu peças de teatro e publicou vários livros.

40 *Panfleto*. O jornal do homem da rua. Rio de Janeiro, 23 de março de 1964, p.23.

41 Alex Viany (Almiro Viviani Fialho) foi cineasta e jornalista. No cinema, atuou como produtor, diretor, roteirista e ator de diversos filmes. Publicou, em 1959, o livro *Introdução ao Cinema Brasileiro*. Publicou, também, *O processo do Cinema Novo*.

42 Moacyr Felix estudou filosofia na França. De volta ao Brasil, em 1954, integrou a comissão de redação de *Cadernos de Nosso Tempo* e escreveu em vários jornais. Como o apoio do CPC da UNE e de Ênio Silveira, proprietário da Editora Civilização Brasileira, Moacyr Felix organizou os três volumes da série *Violões de Rua*. Foi um dos fundadores do Comando Geral dos Trabalhadores Intelectuais. Após o golpe civil-militar de 1964, dirigiu a *Revista da Civilização Brasileira*. Ao longo de sua vida, publicou vários livros, muitos deles de poesia.

43 *Panfleto*. O jornal do homem da rua. Rio de Janeiro, 17 de fevereiro de 1964, p.22. A citação que se segue encontra-se na mesma fonte.

João

João, que és branco, negro ou pardo,
Ateu, agnóstico ou cristão;
João Sem Casa dos mocambos,
João Sem Terra do sertão;
João, que és um e que és dois terços
constitutivos na Nação;
João, que em vão te multiplicas,
Pois que teus filhos vêm e vão
– nós afirmamos que tens fome;
os homens públicos, que não.

Livro, arma do povo, coluna de Flávio Gama, era dedicada à análise de livros recém-publicados. Segundo seu argumento, a imprensa brasileira, com raríssimas exceções, estava a serviço dos interesses antinacionais. Temas como a reforma agrária ou o monopólio estatal do petróleo eram apresentados de maneira deformada pelos jornais, com o auxílio do rádio e da televisão. Daí a importância da edição de livros baratos e acessíveis aos trabalhadores. Este era o caso da coleção *História Nova*, patrocinada e financiada pelo Ministério da Educação. Em 10 volumes, com menos de 100 páginas cada um, a coleção tratava da História do Brasil desde a chegada de Cabral. Para Flávio Gama, tratava-se da "verdadeira História do Brasil". Os textos foram redigidos por Joel Rufino dos Santos, Nelson Werneck Sodré, Pedro Celso Uchoa Cavalcanti Neto, Rubem César Fernandes, Maurício Martins de Mello e Pedro de Alcântara Figueira.⁴⁴ Os cinco primeiros volumes tiveram a tiragem de apenas 5 mil exemplares cada, porque o MEC tinha o objetivo de distribuí-los aos professores. Mas o interesse foi tamanho que os cinco volumes seguintes teriam tiragens de 20 mil exemplares cada.⁴⁵ Flávio Gama, em sua coluna, anunciava o lançamento de determinados livros que seriam do interesse dos leitores de *Panfleto*, a exemplo de *Como o Brasil ajuda os Estados Unidos*, de Álvaro Ramos; *Infiltração, arma dos ricos*, de Fausto Cupertino; *Antologia poética*, de Pablo Neruda; *A ideologia alemã*, de Karl Marx;⁴⁶ *História do modernismo brasileiro*, de Mário da Silva Brito; e livro que tratava dos fundamentos do materialismo dialético e histórico, de Afanassiev, "escrito em linguagem acessível e clara".⁴⁷

Futebol também era matéria de *Panfleto*, em coluna assinada por Sérgio Noronha.⁴⁸ Com o título *Santos em casa não faz milagres*,⁴⁹ Noronha analisava a situação difícil do Santos. Para manter Pelé no clube, os dirigentes

44 Panfleto. O jornal do homem da rua. Rio de Janeiro, 17 de fevereiro de 1964, p.25.

45 Panfleto. O jornal do homem da rua. Rio de Janeiro, 16 de março de 1964, p.23.

46 Panfleto. O jornal do homem da rua. Rio de Janeiro, 24 de fevereiro de 1964, p.18.

47 Panfleto. O jornal do homem da rua. Rio de Janeiro, 9 de março de 1964, p.28.

48 Sérgio Barros de Noronha é radialista e jornalista, tendo participado da cobertura da Copa do Mundo de 1950. Trabalhou em vários rádios e canais de televisão.

49 As citações que se seguem estão em Panfleto. O jornal do homem da rua. Rio de Janeiro, 2 de março de 1964, p.25.

tinham que pagar também aos outros jogadores salários e “bichos” muito acima de qualquer outro clube. A alternativa para manter a rentabilidade eram amistosos internacionais. Com a participação de Pelé, o clube obtinha 15 mil dólares por partida. Desse modo, ao Santos não compensava viajar para cidades do interior paulista e disputar o campeonato estadual contra pequenos times. Para os dirigentes santistas, “não tinha o menor sentido jogar perdendo dinheiro contra a Prudentina, quando se podia ter lucro no Torneio de Paris”. Pior ainda, havia o risco de Pelé se machucar, o que provocava ainda maior medo nos dirigentes: “sem Pelé o Santos tem dificuldades em arranjar amistosos, e quando os arranja são pagos a taxas abaixo do comum”. Portanto, finalizava Sérgio Noronha, “o futebol brasileiro precisa de uma reestruturação urgente”.

O responsável pela parte musical de *Panflete* não assinava o nome na coluna *Música naquela base*. Os textos falavam sobre a vida, a obra e as lutas pela sobrevivência de compositores populares, como Cartola, Néelson Cavaquinho e Pandeirinho. Este último, com mulher e seis filhos (brevemente virá o sétimo) e vivendo quase exclusivamente do salário de Cr\$ 31 mil que recebe como trabalhador da limpeza urbana da Guanabara (de vez em quando se vira no cais do porto, na resistência) Pandeirinho conhece bem o drama do operário mal-remunerado que sofre terrivelmente para sobreviver.⁵⁰

Mas a coluna também denunciava a exploração dos músicos e compositores pelos empresários. Com o título de *Lamartine foi roubado*, a denúncia era a de que a famosa marcha carnavalesca *O teu cabelo não nega*, embora muito tocada e cantada, nada rendeu ao seu autor, Lamartine Babo. O lucro foi embolsado pelos empresários do setor.⁵¹ Assim, com o título de *Compositores reagem contra parasitas da música popular*,⁵² a coluna publicou uma série de denúncias contra a exploração dos músicos e compositores, noticiando, ainda, que muitos deles se reuniram para lutar por seus direitos.

Novidade para um jornal de esquerda eram as tiras de história em quadrinhos. Duas delas eram publicadas. A primeira, intitulada *A formiguinha Tic-Tac contra os Tamanduás*, de autoria de Fortunato,⁵³ contava o esforço de uma formiga que, diante da truculência dos tamanduás, procurava organizar o formigueiro para melhor enfrentar seus opressores. A segunda era

50 Panfleto. O jornal do homem da rua. Rio de Janeiro, 2 de março de 1964, p.23.

51 Panfleto. O jornal do homem da rua. Rio de Janeiro, 16 de março de 1964, p.24.

52 Panfleto. O jornal do homem da rua. Rio de Janeiro, 9 de março de 1964, p.30.

53 Tudo indica que se trata de Fortunato Câmara Oliveira, oficial da FAB que fez parte do Setor Militar do PCB. Com a patente de capitão, foi líder de esquadrilha do 1º Grupo de Caça que lutou na Itália durante a II Guerra. Fortunato criou o emblema do Grupo de Aviação de Caça – o avestruz guerreiro – e o slogan Senta a Pua. Com o golpe-civil militar, foi exonerado da FAB, teve seus direitos políticos cassados por 10 anos e sua habilitação de piloto suspensa, sendo impedido de trabalhar em empresas aéreas civis.

a de Bendati,⁵⁴ com o personagem "Lupinha". Sua luta também era contra a opressão política, mas neste caso no planeta Marte.

Nas páginas do *Panfleto* havia diversas caricaturas, a maioria chacoteando San Tiago Dantas, Lacerda e a figura do "Tio Sam".

Linha editorial

Como é comum em jornais de esquerda, *Panfleto* veiculou denúncias de corrupção e privilégios. Entre algumas dessas situações, havia, por exemplo, longa matéria sobre importação de automóveis com isenção de taxas alfandegárias. Tais importações foram realizadas de acordo com a legislação que isentava de impostos diplomatas e entidades religiosas. O problema era que, logo a seguir, os automóveis eram vendidos a preço de mercado, como se tivessem sido pagos os impostos.⁵⁵ *Panfleto* também denunciou os lucros ganhos com a administração dos cemitérios na Guanabara⁵⁶ e apoiou a luta dos camponeses da Paraíba, acusando capangas, a mando de latifundiários, de assassinatos de líderes rurais.⁵⁷ O jornal acompanhou a mobilização dos marinheiros e apoiou a rebelião que promoveram no Sindicato dos Metalúrgicos da Guanabara.⁵⁸ Publicou o manifesto de fundação do Grupo de Onze Companheiros.⁵⁹ Também publicou na íntegra, no total de 10 folhas, a cartilha de alfabetização *Viver é lutar*, baseada no método Paulo Freire. Toda a edição havia sido apreendida pela polícia da Guanabara, a mando do governador Carlos Lacerda, que identificou na cartilha "material de propaganda subversiva".⁶⁰ Diversas outras matérias de igual teor foram publicadas.

Como porta-voz do grupo nacional-revolucionário trabalhista que seguia liderança de Leonel Brizola e da Frente de Mobilização Popular, *Panfleto* veio a público com críticas ao que as esquerdas chamavam de "política de conciliação" do presidente João Goulart. Tratava-se da estratégia política do presidente de manter a tradicional aliança entre o PTB e o PSD no Congresso Nacional, obtendo, desse modo, maioria parlamentar. Para as esquerdas, a opção presidencial não passava de "conciliação" com as direitas. A começar por Leonel Brizola em seus editoriais, todos os que escreviam no jornal exigiam que Jango rompesse a aliança com o PSD e governasse exclusivamente com os partidos e organizações da FMP.

54 Aníbal Carlos Bendati é argentino. Em 1960, se estabeleceu em Porto Alegre trabalhando em jornais. Chargista e cartunista reconhecido, tornou-se, mais tarde, professor universitário.

55 *Panfleto*. O jornal do homem da rua. Rio de Janeiro, 17 de fevereiro de 1964, p.3-4.

56 *Panfleto*. O jornal do homem da rua. Rio de Janeiro, 9 de março de 1964, p.13-14.

57 *Panfleto*. O jornal do homem da rua. Rio de Janeiro, 2 de março de 1964, p.14-17.

58 *Panfleto*. O jornal do homem da rua. Rio de Janeiro, 2 de março de 1964, p.9-11 e 30 de março de 1964, p.4-6.

59 *Panfleto*. O jornal do homem da rua. Rio de Janeiro, 17 de fevereiro, p.14-15.

60 *Panfleto*. O jornal do homem da rua. Rio de Janeiro, 16 de março de 1964, p.11-20.

O Congresso Nacional também era muito criticado. Acusado de conservadorismo e imobilismo, as esquerdas não acreditavam que os parlamentares aprovariam as reformas de base. A estratégia era a de desmoralizar o Congresso, comprovando que se tratava de uma instituição ultrapassada, formada por “raposas” políticas distantes do povo. As imagens projetadas sobre o legislativo eram sempre negativas. Somente com a pressão popular nas ruas, com comícios, greves e mobilizações, o Congresso Nacional aprovaria as reformas de base. O presidente João Goulart, por insistir em manter a maioria parlamentar com a aliança entre PTB e PSD, era duramente criticado nas páginas do *Panfleto*.

As mudanças políticas na linha editorial do *Panfleto* ocorreram no quinto número, de 16 de março de 1964. Na primeira página, o título *Povo sepulta conciliação* fazia referência aos resultados políticos do comício da Central do Brasil, ocorrido três dias antes: Jango romperia com o PSD, governando exclusivamente com a FMP e adotando imediatamente o programa de reformas.

A partir daí, editoriais e artigos publicados no *Panfleto* passaram a defender a nova estratégia política da FMP: um plebiscito para consultar o povo sobre a necessidade da convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte. A Constituinte substituiria o Congresso Nacional e teria duas tarefas: redigir uma nova Constituição e, ao mesmo tempo, aprovar as reformas de base. A estratégia era a de enfraquecer o Congresso, incitando a população contra ele. Como afirmavam, tratava-se de instituição reacionária e não aprovaria as mudanças exigidas pelos trabalhadores. Portanto, era preciso não apenas dissolvê-lo, mas encontrar amplo respaldo popular para realizar as reformas e elaborar uma nova Constituição. Em seu sexto número, na edição de 23 de março, o título de primeira página era: “Forças populares vão enfrentar o Congresso”.

Outra alteração na linha editorial após o comício de 13 de março foi com relação ao governo de João Goulart. Afinal, desde o evento a FMP tornou-se a base de sustentação política do governo, excluindo todas as outras. No *Panfleto*, artigos exigiam a formação imediata de um novo ministério, formado exclusivamente por integrantes da FMP, e a implementação imediata do programa reformista e nacionalista.

Se até o quarto número *Panfleto* mostrava-se pessimista e crítico com os rumos do governo Goulart, com o quinto número, após o comício de 13 de março, suas páginas passaram a expressar excessiva confiança e euforia.

Palavras finais

Durante o golpe civil-militar de 1964, as dependências de *Panfleto* foram invadidas pela polícia do estado da Guanabara, a mando do governador

Carlos Lacerda. Na sede do jornal, na Rua Senador Dantas, Tarso de Castro e José Silveira haviam alugado uma sala no andar de cima. Nela, eles guardaram milhares de cartas de filiação aos Grupos de Onze Companheiros, todas com nomes e endereços. Os dois não souberam o que fazer com a chegada da polícia – nem tiveram tempo para tomar qualquer atitude. No entanto, a violência e a truculência cega dos homens da repressão não os deixaram perceber a importância do material: tudo foi incendiado, tanto as dependências de *Panfleto* quanto as cartas guardadas no andar de cima.⁶¹

Atualmente, *Panfleto* e a Frente de Mobilização Popular ainda são nomes pouco usuais nos estudos historiográficos sobre a crise do governo Goulart. Foi em 1989 que surgiram os primeiros trabalhos com referências a eles: Denis de Moraes fez algumas alusões ao jornal *Panfleto* e à FMP, enquanto Lucília de Almeida Neves Delgado escreveu breves comentários sobre a atuação da Frente.⁶² Poucos anos depois, Argelina Figueiredo e Maria Celina D'Araujo também mencionaram a atuação de ambos.⁶³ A partir dessas indicações, dediquei-me ao tema e, em 2004, publiquei os primeiros resultados de minha pesquisa sobre a FMP.⁶⁴

As pesquisas tendo *Panfleto* como fonte ou como objeto de estudo encontram várias dificuldades de realização, particularmente se considerarmos as condições peculiares de sua breve existência. Primeiro, porque é muito difícil encontrar exemplares do jornal. A explicação é simples: quando ocorreu o golpe militar, quem tinha edições em casa se livrou delas muito depressa. Com a ditadura, era muito perigoso guardar *Panfleto* consigo. Segundo, porque o jornal tornou-se, para usar um termo de Michael Pollack, uma “memória enquadrada” – o mesmo pode-se dizer sobre a Frente de Mobilização Popular. É problemático lembrar o *Panfleto* e a FMP. Nas páginas do jornal estão presentes diversas lideranças políticas que, em processo de crescente radicalização, exigiam um governo exclusivo das esquerdas e defendiam a implementação imediata do programa máximo de reformas.

Em tempos de democracia pós-ditadura militar, não convém lembrar do *Panfleto* ou da Frente de Mobilização Popular. Para muitos, é melhor silenciar, ignorando que, historicamente, eles existiram no passado e atuaram na política de seu tempo. Recorrendo a algumas idéias de Michael Pollack, a memória do *Panfleto* e da FMP “é zelosamente guardada”, passando despercebida pelo presente. Se existe na lembrança de alguns, permanece para

61 CARDOSO, Tom. Tarso de Castro – 75 kg de músculo e fúria, p.81.

62 MORAES, Denis. A esquerda e o golpe de 1964. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989, p.79, 113 e 172; NEVES, Lucília de Almeida. PTB. Do getulismo ao reformismo (1945-1964). São Paulo: Marco Zero, 1989.

63 FIGUEIREDO, Argelina. Democracia ou reformas; alternativas democráticas à crise política 1961-1964, p.99, 153 e 181 e D'ARAUJO, Maria Celina. Sindicato, carisma e poder. O PTB de 1945-64. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996, p.149, 150 e 160.

64 FERREIRA, Jorge. A estratégia do confronto: a Frente de Mobilização Popular. Revista Brasileira de História, São Paulo, n.47, v.24, p.181-212, 2004.

muitos em uma zona de sombras, na fronteira entre o silêncio e o “não-dito”, tendendo ao esquecimento definitivo.⁶⁵ Afinal, o jornal e a Frente revelam que as esquerdas, durante o governo Jango, elaboraram um projeto ofensivo e de poder e que, na luta pelas reformas, desqualificaram as instituições liberais-democráticas fundadas pela Constituição de 1946.

No entanto, como bem indicou Eric Hobsbawm, faz parte do ofício do historiador “lembrar o que outros esquecem”.⁶⁶ Esse é o nosso trabalho.

65 POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p.8, 1989.

66 HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos. O breve século XX, 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p.13.